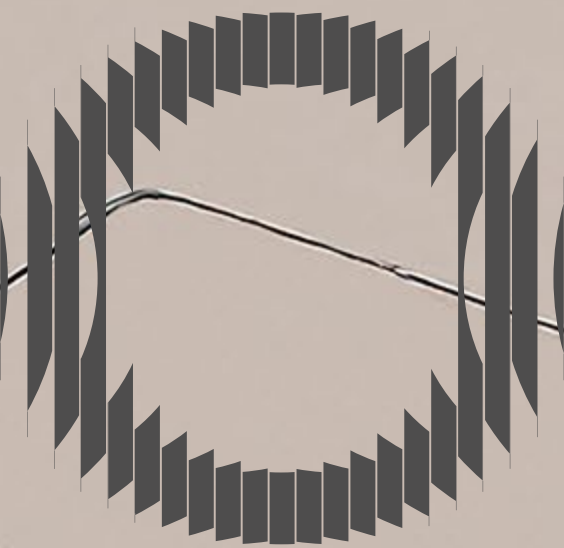


fest

20
24

fot



O futuro é agora

A mostra que apresentamos nesta 17ª edição do FestFoto é resultado da enchente. A adaptação às contingências exigiu dialogar com a situação extrema vivida no Rio Grande do Sul. A opção foi priorizar a exibição do Fotograma Livre, concurso internacional realizado anualmente, e dar ainda mais relevo aos impactos da mudança climática na produção artística contemporânea.

Reunimos aqui os dez trabalhos finalistas do concurso e apresentamos um recorte especial com obras realizadas nas áreas afetadas pelas águas de maio.

A mostra “A Enchente” é uma homenagem a quem se juntou ao esforço coletivo de sobrevivência e trabalhou em situações adversas para dar visibilidade à urgência do tema. O conjunto reúne o melhor da fotografia documental brasileira e da nossa tradição experimental, atualizando as técnicas narrativas com o uso da Inteligência Artificial.

Ao longo destes 17 anos, o FestFoto esteve atento à pauta que mobiliza e provoca a produção fotográfica internacional. A razão da nossa existência é contribuir para que a imagem siga seu caminho e dispare novas experiências.

A fotografia dá materialidade às tramas do tempo. Ao instigar o enquadramento do cotidiano, torna evidente que vivemos o resultado de ações anteriores e de projetos futuros.

Esperamos que desfrutem e se deixem afetar pelos sentimentos que cada artista mobilizou em suas obras.

Quando a realidade se apresenta como ficção distópica, a fotografia é ainda mais necessária.

fest

FOTOGRAMA LIVRE

foto

Fotograma Livre

O Fotograma Livre é um concurso internacional promovido anualmente pelo FestFoto com objetivo de detectar novas tendências e experimentos em linguagem, recebendo trabalhos em distintas fases de desenvolvimento. A seleção é feita por um júri internacional que, na edição de 2024, foi composto exclusivamente por mulheres especialistas em fotografia. Apresentamos as 10 obras finalistas, sendo Tragédia Anunciada, de Mirian Fichtner, e Lampejos, de Delfina Rocha, os trabalhos considerados vencedores nas categorias ensaio e multimídia. Cinco obras têm resenhas disponíveis para leitura e uma foi gerada a partir de inteligência artificial.

Carmela

Carmela migrou para o Uruguai em 1926. Noventa anos depois, a neta voltou ao sul da Itália e percebeu que nasciam as mesmas plantas que ela fez brotar no Uruguai. As raízes cavaram túneis sob os mares para manter a proximidade. Os descendentes continuam a migrar acompanhados de sementes e estacas, fazendo que plantas e memórias continuem brotando em novas terras. A obra usa um processo fotográfico baseado na reação da clorofila e outros componentes fotossensíveis das folhas para reconstruir essa história a partir do arquivo familiar e do poder das plantas que continuam a conectar territórios.

Federico Ruiz
Santesteban (Uruguai)

Iniciou na fotografia nos anos noventa. A crise econômica o forçou a abandonar os processos analógicos. Buscou processos sustentáveis e de baixo custo para recuperar o fantástico ato de materializar imagens com substâncias fotossensíveis naturais, existentes nos locais onde habita desde a infância. Vive em Montevideo.

www.federuizsantesteban.com





Federico, bisneto de Carmela



Raquel, neta de Carmela

AS duas sabiás

A série faz uma homenagem à pintura 'As duas Fridas', de Frida Kahlo. Sua obra é uma referência para a autora há 25 anos. Nesse percurso artístico, a maternidade, através de uma perspectiva política, vem sendo campo de pesquisa poética da artista desde o nascimento do seu filho; assim como a reflexão sobre a própria mãe como sujeito e o processo feminino de amadurecimento e envelhecimento. O tableau vivant está operando, as duas Sabiás dão-se as mãos em aliança e apoio. Matrioskas em metamorfose que confortam e confrontam. Eu-filha, corpo hóspede. Eu-mãe, corpo casa.

Clique aqui para saber mais.

Ana Sabiá

Artista visual, pesquisadora e professora de fotografia (UDESC). Atua com pesquisas e práticas fotográficas desenvolvidas a partir do corpo, surrealismo e auto-representação. Autora dos livros *Do porão ao sótão* e *Jogo de Paciência*.

www.anasabia.com



Duas Oferendas



Dois Búzios



Duas Presenças



Salomé

Jornada del Muerto

Em novembro de 2023, a artista viajou ao Novo México, na região onde foi realizada a primeira explosão atômica, em 1945. Nomeada pelos colonos espanhóis no século XVI, a Jornada del Muerto era uma rota comercial conhecida como um “caminho que não leva a lugar nenhum” pelas dificuldades da travessia. No ambiente inóspito, a artista criou retratos da vegetação em um cenário minimalista. A série apresenta paisagens e plantas nativas do deserto de Chihuahua. Influenciada pelas ideias sobre inteligência das plantas e filosofia ambiental, a artista reflete sobre resiliência, destacando a relação simbiótica essencial entre todos os seres vivos e o ambiente que os sustenta.

Márcia Charnizon

Fotógrafa e artista visual de Belo Horizonte, formada em Comunicação Social (PUCMG). Integra a Coleção da Fotografia Brasileira Contemporânea da Bibliothèque Nationale de France (BnF), recebeu o Prêmio Marc Ferrez e expôs no Brasil, EUA, Itália, Argentina e Israel.

www.marciacharnizon.com.br



Paisagem do Deserto de Chihuahua



*Paisagem do Deserto
de Chihuahua*

Lampejos

Delfina Rocha

Fotógrafa com atuação na publicidade e cinema no Rio, São Paulo e Fortaleza. Após 30 anos na fotografia comercial, retomou os estudos na academia e a prática da fotografia autoral. Integra o coletivo Sol para Mulheres e o grupo de estudos Imagem é Pensamento. Vive em Fortaleza.

www.delfinarocha.com.br

Lampejos foi criada a partir de uma descoberta recente da autora de sua ascendência Judaica Sefardita. Ao revisar arquivos fotográficos e álbuns de família, a artista articulou fotogramas de fragmentos imagéticos atemporais e criou um tempo remontado e descontínuo. No seu “filme” imaginário, aparecem os antepassados Marranos que adentraram o sertão nordestino fugindo da inquisição na península Ibérica. A autora se reconhece como parte de muitas mulheres que vieram antes, fruto das interseções de alegrias, sofrimentos, religiosidades, perseguições, lutas e mortes. A obra é vencedora da convocatória Fotograma Livre na categoria multimídia.

Clique aqui para saber mais.



Lampejos



Delfina Rocha

A Memória Gosta de Dançar entre Palavras Não Ditas e as Imagens a Serem Contadas

O foto-filme joga com as possibilidades narrativas das fotografias de três álbuns de retratos da família do autor, capturados durante o exílio de sete anos, durante o período do regime militar brasileiro. Os álbuns teceram uma ficção como álibi de proteção. Na narrativa parece que, em vez da Albânia, a família teria vivido entre Paris e Roma. As fotografias são matéria-prima, refletindo memórias e esquecimentos, deslocamentos pelo medo e o silêncio imposto. A memória sobrevive pelo lembrar e esquecer, entre o nítido e o borrado, a imagem e o vazio.

[Clique aqui](#) para saber mais.

Fernando Maia

Fotógrafo e professor universitário (UFC). Iniciou a carreira como fotógrafo e diretor de fotografia no cinema e publicidade. Atualmente, trabalha em projetos fotográficos com instalações e foto-filmes.

www.fernandomaiadacunha.com



A Memória Gosta de Dançar entre Palavras Não Ditas e as Imagens a Serem Contadas



A Memória Gosta de Dançar entre Palavras Não Ditas e as Imagens a Serem Contadas



A Memória Gosta de Dançar entre Palavras Não Ditas e as Imagens a Serem Contadas

RIO/MINE

Para representar as sequelas provocadas pela mineração, a autora interfere em mapas da coleção da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e insere a imagem de uma cicatriz que carrega no próprio peito deixada por um tratamento contra o câncer.

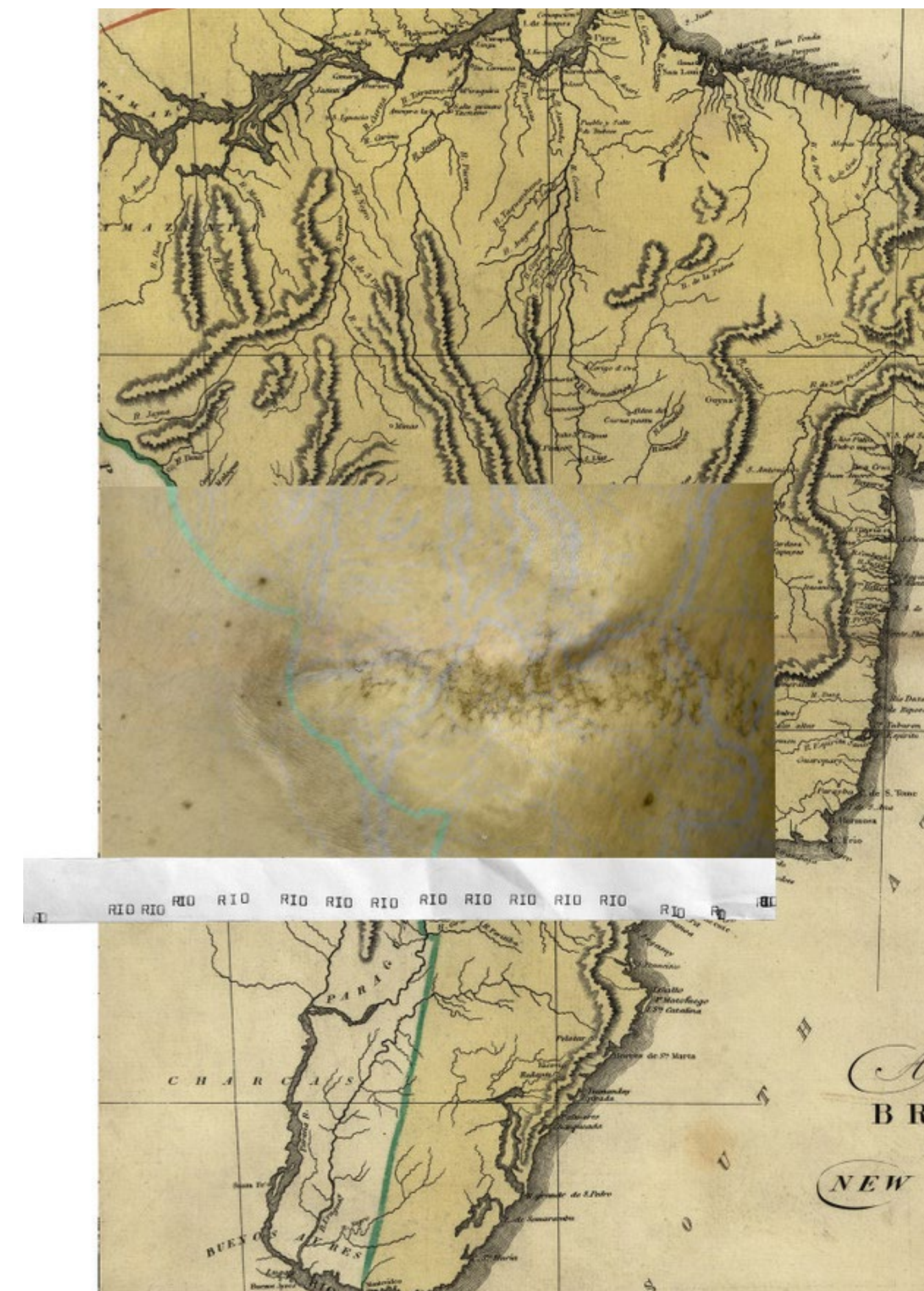
A cartografia hidrográfica de Minas Gerais testemunha como o extrativismo transformou um rio em alvo de cobiça e desnudou o corpo da terra para obter suas riquezas minerais da região.

A autora usa a sigla RIO, identificação atribuída pelo mercado de valores à primeira empresa brasileira negociada na bolsa de Nova Iorque, em 2002, como sinônimo de mina. RIO/MINE enfatiza o significado intercambiável de duas palavras sintetizando o conflito de interesses internacionais e do Brasil.

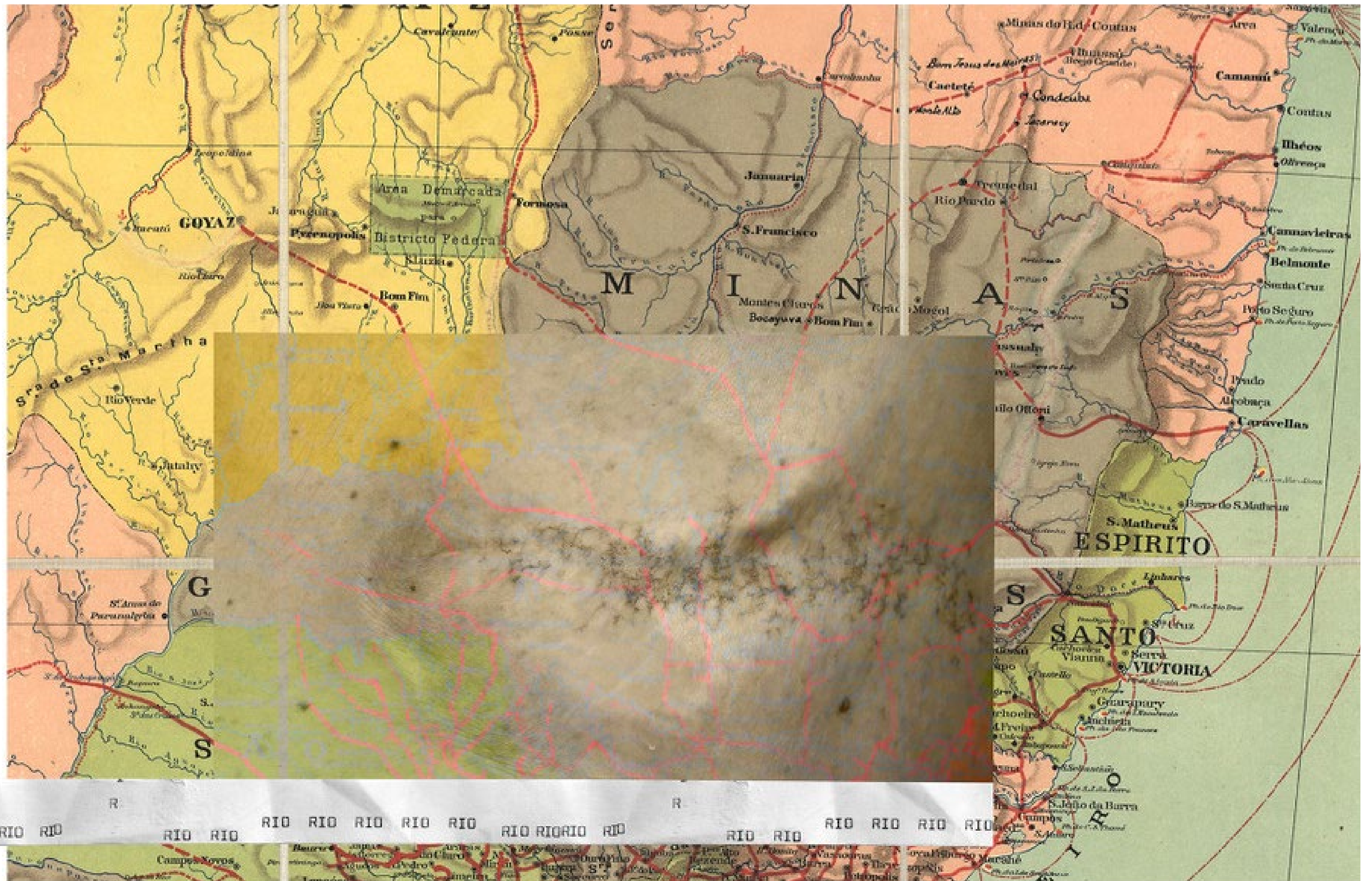
Jennifer Cabral

Fotógrafa e artista visual. Vive nos Estados Unidos. Formada pela Escola de Belas Artes Escola Guignard com concentração em Fotografia e em Comunicação Social pela PUC-Minas. Mestre em Informação pela Rutgers University School of Communication, com concentração em Arquivos e Preservação.

www.piercecabraleditions.com



RIO/MINE



Nada será como antes

Aí, de repente, você acorda e tudo vira nada. Tuas conquistas parceladas durante a vida, o que ganhou de alguém que gostava de você, aquilo que você guardava pensando em achar a pessoa que gostaria de receber. As memórias. Tudo se foi. Até os sentimentos viraram cacos. Talvez um ou outro consiga reconstruir a vida, a casa de antes, mas não vai recuperar a sanidade dos tempos de antes. Transbordamos traumas. O barulho de chuva angustia. O céu carregado. Morar perto das margens. Adoecemos.

Daniel Marengo

Jornalista, trabalhou como fotojornalista nos grandes veículos brasileiros. Duas vezes nomeado para o Prêmio Esso. Atuou como editor da Headline, plataforma de jornalismo independente. Atualmente, integra a equipe de Comunicação do Sport Club Internacional.

www.danielmarengo.com



Vila Farrapos, Porto Alegre, 14 de maio



São Leopoldo, 19 de maio

Onde estão as boias?

A obra tem como origem imagens aéreas captadas durante a enchente de setembro de 2023, quando lavouras da região de Porto Alegre foram alagadas. A autora interferiu nos originais aplicando cores e acrescentando boias de sinalização náutica para representar a expansão de um corpo de água para além de seus limites usuais.

Seis meses mais tarde, algo muito pior ocorreria na enchente que afetou a vida de muitas pessoas no Rio Grande do Sul. O trabalho ganhou novas camadas de significado diante da destruição, do desespero e da força que apareceu na solidariedade e resiliência das comunidades atingidas. Precisamos de boias que nos inspirem. São baluartes de esperança. Onde estão as boias?

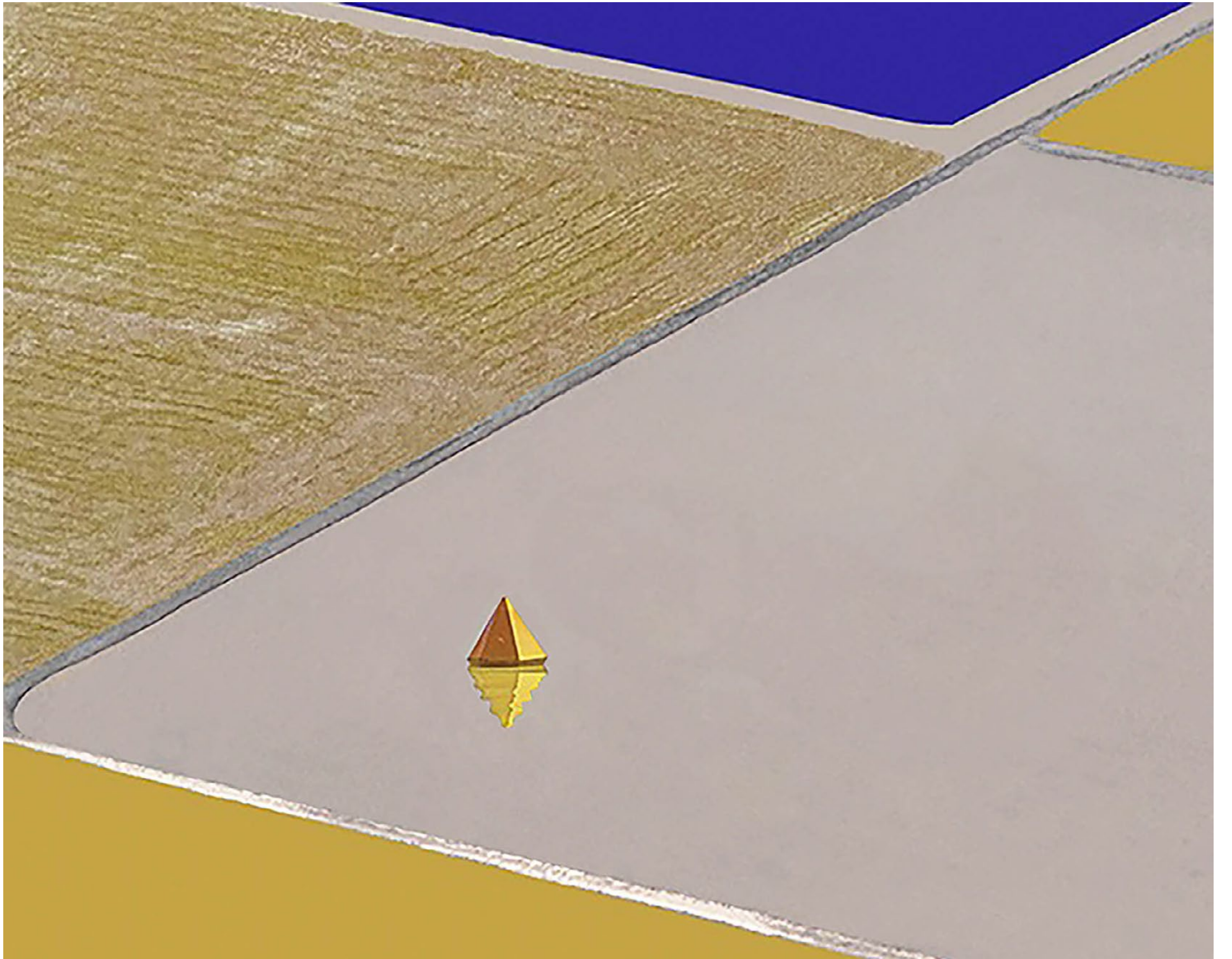
Angela Plass

Psicanalista. Em 2010, formou o grupo Câmera Nova junto com colegas apreciadores de fotografia. Trabalha com elementos minimalistas e grande empenho na cor. Tem obras no acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul e do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

angelaplass.com.br



Imagem Primária VIII



Campos Alagados VII

Tragédia Anunciada - Imagens do Apocalipse

No intervalo de um ano, o Rio Grande do Sul foi atingido por 14 eventos climáticos extremos. A série nasceu da indignação da autora frente à inação de gestores e políticos negacionistas que ignoraram repetidos alertas sobre a crise climática na região. A artista opta por retratar a intimidade da catástrofe de 2024, capturando o que os moradores da região metropolitana de Porto Alegre enfrentaram ao voltar para suas casas destruídas e cobertas de lama. É um olhar profundamente pessoal e emotivo. A obra, vencedora da convocatória Fotograma Livre, oferece um vislumbre das consequências devastadoras do descaso diante da mudança climática, instigando reflexão e empatia através de imagens profundamente tocantes.

Clique aqui para saber mais.

Mirian Fichtner

Jornalista. Foi editora de fotografia da Revista ÉPOCA no RJ (2001 a 2005). Tem mais de 15 prêmios nacionais e internacionais de fotografia. Autora de três livros e diretora do longa Cavalos de Santo, premiado com 4 Kikitos no Festival de Gramado 2021.

www.cavalodesantofilme.com.br



Vila da Paz, Eldorado do Sul



Centro Histórico, Porto Alegre

Passado Presente

O alagamento da editora Libretos e a destruição de exemplares do livro do jornalista Rafael Guimaraens, *A enchente de 41*, foram o gatilho para o fotógrafo Jener Neves criar, a partir de Inteligência artificial, as imagens do ensaio. Após uma matéria jornalística sobre a enchente que atingiu o Rio Grande do Sul em maio, Jener dedicou 200 horas de trabalho na plataforma MidJourney para produzir este ensaio e conectar os dois eventos.

Pela história recriada, um fotógrafo imaginário escreve uma carta dedicada à chuva de 41, lamentando a perda do seu trabalho e o impacto da enchente sobre as memórias de infância. A carta e as fotografias resistiram ao antigo desastre, mas Jener faz com que ressurgam e sejam encontradas destruídas nas águas de 2024. A espiral do trauma ganha uma nova volta e se atualiza no desamparo das populações contemporâneas.

[Clique aqui](#) para saber mais.

Jéner Neves

Fotógrafo e artista visual. Nascido em Pernambuco, passou pelas ladeiras de Salvador e vive no Rio de Janeiro, desde 1985. Se apaixonou pela Cinemateca do MAM onde estagiou e assistiu a quase todos os clássicos do cinema. Formado em Comunicação, trabalhou com publicidade, design e direção de arte.
[@jenerneves](#)





Passado Presente

fest

A ENCHENTE

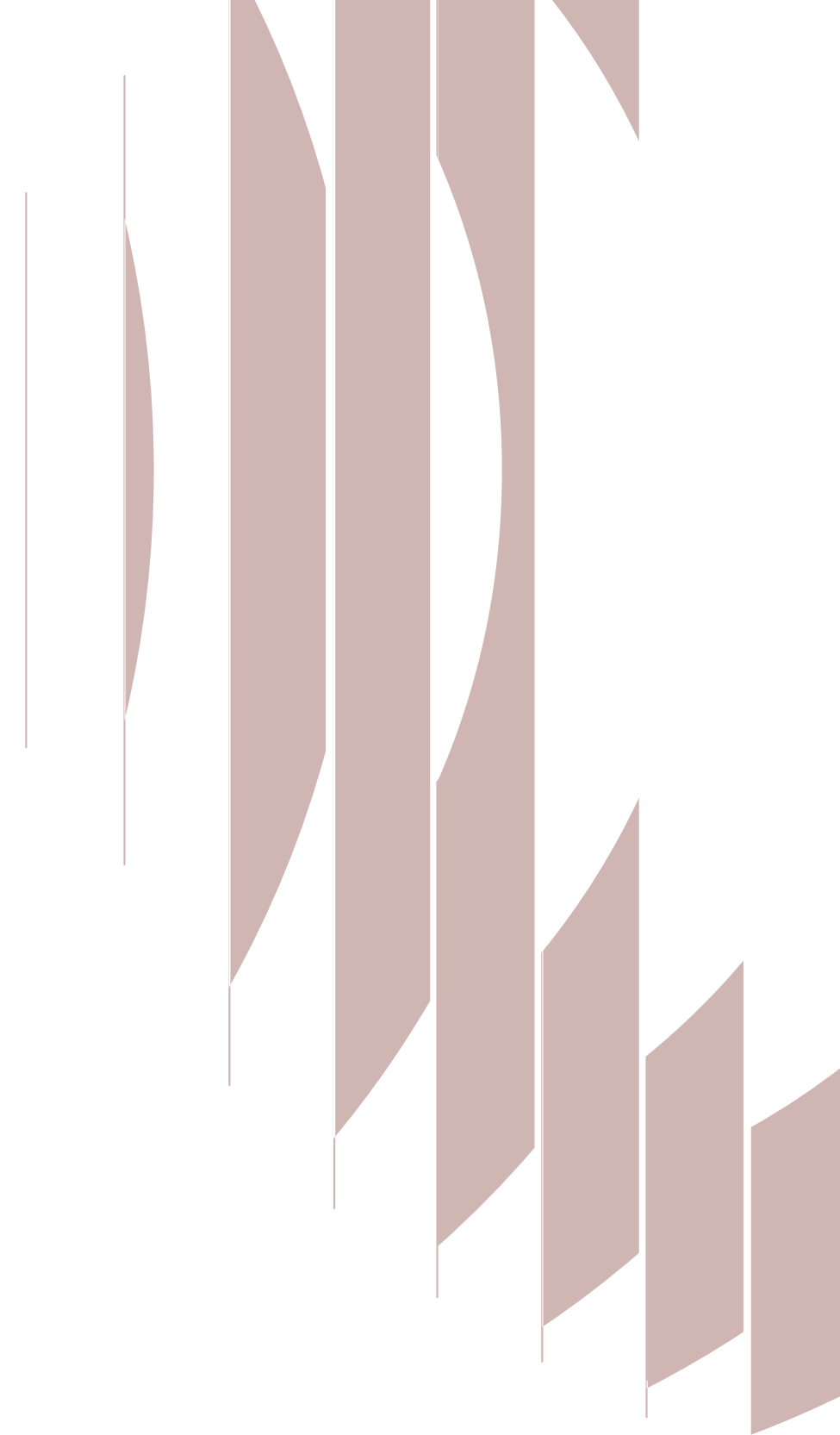
fo

A enchente

Os trabalhos apresentados nesta mostra foram exibidos em forma de projeção e são resultado da generosidade de 22 artistas que, em meio às condições extremas da enchente, participaram do concurso Fotograma Livre. Em função da contingência de exibir apenas 10 finalistas e pela necessidade desse material ser visto pelo público, propusemos esta mostra especial.

As imagens traçam um panorama da enchente e dão cara e cor ao sofrimento. O rastro da lama vermelha é indício da terra brutalizada que escorre do planalto. As casas, parques, árvores e ruas são testemunho das vidas afetadas e dos traumas distribuídos coletivamente.

O barro e o lodo bateram à nossa porta. Resta decidir o que faremos com eles.



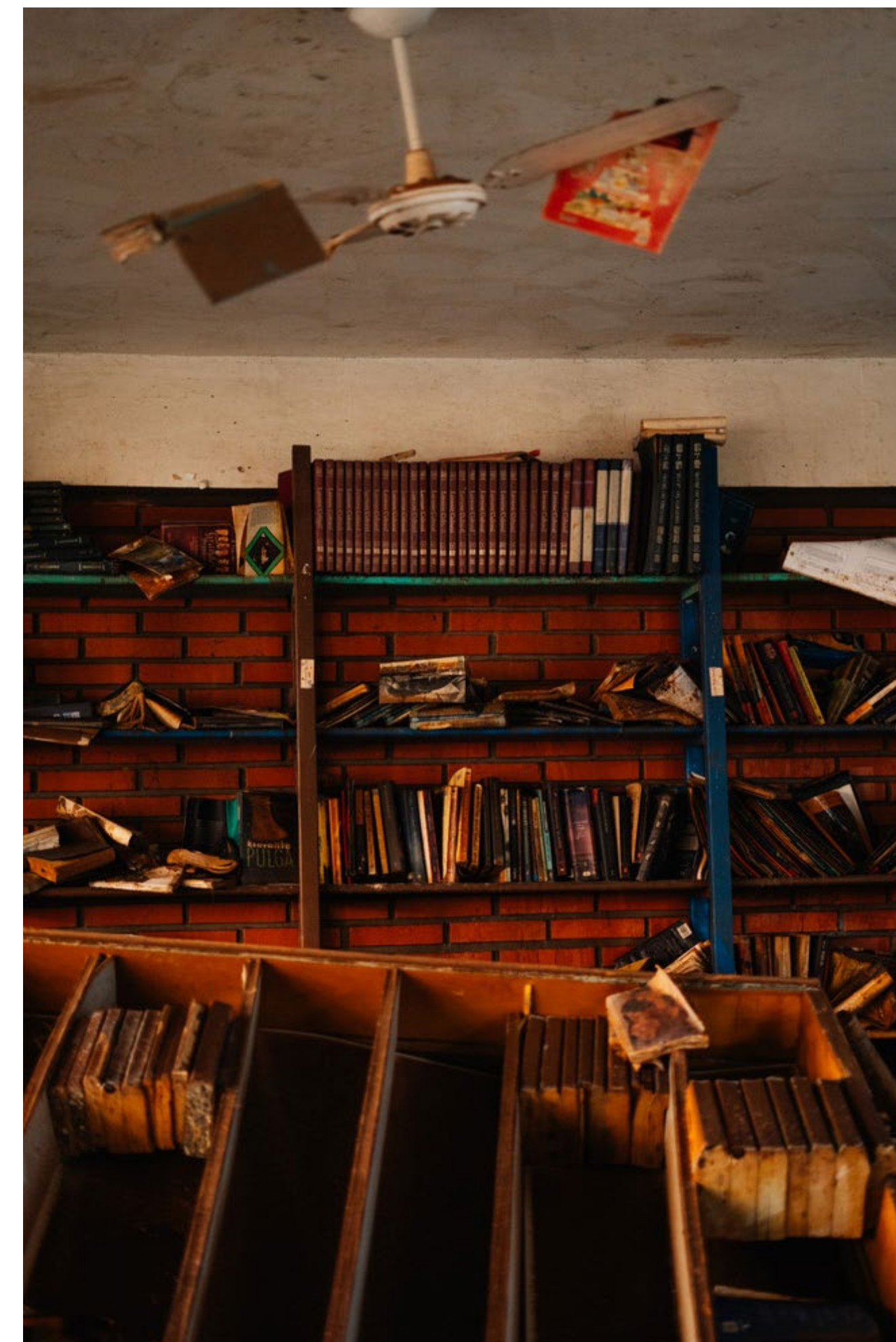
O que faremos com o que restou de nós?

As imagens foram realizadas durante o trabalho voluntário no coletivo ambiental Mato Júlio. São uma tentativa de registrar algo desconhecido. A destruição material e os vestígios do que fomos aparecem em meio ao barro e ao lixo. Muitos de nós não terão o tempo necessário para reconstruir o que se foi nem repor as lembranças. Os registros são como um grito silencioso que pede justiça e solidariedade e faz um apelo contra o esquecimento.

Ana Godoy

Aos 24 anos, trabalha com publicidade e produção audiovisual. Mora em Gravataí.

@anaqod0y



O que faremos com o que restou de nós?



*O que faremos com
o que restou de nós?*

Perder o Chão

Anna Ortega

Fotógrafa, artista visual e repórter de cultura. Participa de exposições nacionais e internacionais e pesquisa imagens afetivas mobilizadas por avós. Atua como repórter do Nonada Jornalismo.

annaortegac.wixsite.com/meusite

A série realizada nos municípios de Muçum, Encantado e Eldorado do Sul mostra a realidade de trabalhadores rurais que tiveram seus plantios transformados por uma enxurrada de pedra e lama. Animais mortos, casa, vida e produção tornaram-se uma paisagem irreconhecível. O solo não voltará a ser o mesmo. A terra precisa descansar e a recuperação pode demorar anos. A grande dúvida entre as vítimas é se devem permanecer no local. A série faz parte de uma reportagem para o Dialogue Earth.



Perder o Chão



Perder o Chão

Terra de Ninguém

O ensaio surge da necessidade de traduzir em imagens uma série de sentimentos provocados pela crise climática que se manifestou localmente durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Tristeza, solidão, impotência, desesperança, desamparo. Consequências da presença de políticos comprometidos com o poder econômico local, todos negacionistas da crise climática que afeta o planeta. Terra de Ninguém é um protesto.

André Hilgert

Começou a fotografar e estudar Fotografia em 1995 e a atuar profissionalmente em 1998. Em paralelo ao seu trabalho comercial desenvolve projetos pessoais explorando temas como a passagem do tempo relacionada à arquitetura da Porto Alegre, retratos e documentação da vida urbana. Vive em Porto Alegre.

@andrehilgert



Porto Alegre, maio de 2024, Terra de Ninguém



*Porto Alegre, maio de 2024,
Terra de Ninguém*

Ainda Maio

A enchente que atingiu Porto Alegre e o Rio Grande do Sul foi, sem dúvida, a maior e mais difícil cobertura que já trabalhei. Pela gravidade da situação que afetou milhares de pessoas, pela área atingida e por ser a cidade onde nasci e cresci. Locais de memórias afetivas, história pessoal ou profissional ficaram embaixo d'água. Familiares e amigos desabrigados e com suas casas perdidas. Além da ansiedade, o trabalho foi longo, pois com o nível da água demorou a baixar em alguns locais. Passada a água, fotografar o que restou também é um trabalho que parece não terminar, assim como o mês de Maio.

André Ávila

Fotojornalista há mais de 10 anos, tendo trabalhado também no desastre de Brumadinho (Minas Gerais). Holi, a festa das cores em Vrindavan, e o festival Kumbh Mela, na Índia.

andreavilafotografia.com.br



Município de Arroio do Meio, maio de 2024



*Refugiados Climáticos -
população procura abrigo
no Túnel da Conceição, região
central de Porto Alegre,
maio de 2024*

Cenas de um colapso

A situação no Rio Grande do Sul deixou claro o problema dos refugiados climáticos: pessoas submetidas ao deslocamento forçado por conta de um evento climático extremo que coloca em risco sua existência. O termo não é usado de forma oficial, já que não consta na Convenção dos Refugiados de 1951.

A sua adoção vem sendo debatida e pode ser facilmente compreendida em maio de 2024, no sul do Brasil. As imagens Encalhados no Céu e Abraçados na Enchente fazem parte da cobertura jornalística independente realizada pelo jornalista em Porto Alegre.

Alass Derivas

Jornalista e fotógrafo. Há 10 anos, documenta movimentos de luta e resistência no Brasil.

@derivajornalismo | www.derivajornalismo.com.br



Vila Brasília, Zona Norte de Porto Alegre. 21 de maio de 2024



*Casal nas imediações
da Arena do Grêmio,
06 de maio de 2024*

Climate Praxis

O capitalismo trombeteia discursos sobre o ambiente. “Economia verde”, ‘slow fashion’, ‘reduzir, reutilizar e reciclar’ são conceitos da moda entre as agências de publicidade e os designers de produtos. Mas a temperatura dos oceanos continua a subir, as ilhas de lixo crescem e a temperatura média do planeta aumenta todos os anos. Entre discursos e práticas, as catástrofes climáticas são cada vez mais comuns. O Rio Grande do Sul sofreu as consequências desse desalinhamento em seu solo. Não é apenas um desastre, é um trauma coletivo de um povo que expõe a fragilidade humana diante da força da natureza.

Anselmo Cunha

Trabalhou como fotojornalista nas principais redações do Rio Grande do Sul. Cobriu a enchente para a France-Presse e teve seu trabalho publicado internacionalmente. A partir de uma abordagem documental, busca uma perspectiva reflexiva dos acontecimentos.

anselmocunha.com.br



Área central do município de Eldorado do Sul



*Pista do aeroporto
Internacional Salgado Filho,
Porto Alegre*

Vidas Encobertas

A série reúne imagens produzidas durante a cobertura fotográfica das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul nos anos de 2023 e 2024.

Camila Hermes

Jornalista e fotógrafa em Porto Alegre. Atualmente, trabalha como repórter fotográfica em GZH.

camilahermes.46graus.com



Interior de casa atingida por enchente



Abrigo temporário para famílias afetadas pela enchente

Nós que estamos aqui

Morar na “cidade grande” era (e ainda é) o sonho de infância de muita gente. De repente, veio uma enchente e tudo virou rio. Vestígios de memórias em meio à lama e água. As imagens espetaculares de grandes escombros passarão, mas as cidades continuarão abaladas. Da difícil reconstrução à dor das famílias, ninguém pode permanecer invisível. O ensaio traz um olhar íntimo e afetivo sobre o impacto da enchente no cotidiano das pessoas e mostra o desastre através de objetos “sobreviventes” que salvaram sua identidade, mas perderam seus donos.

Carlos Macedo

Jornalista, fotógrafo sênior em investigação antropológica. Dirige e cria narrativas visuais com histórias sensíveis. Integrou equipes multimídia e colabora com jornais, portais e revistas nacionais e internacionais.
carlosmacedo.photo@gmail.com | <http://carlosmacedo.me>



Município de Eldorado do Sul



Município de Eldorado do Sul

Vestígios da Infância : Memórias Emergentes das Águas

Na tragédia das enchentes, a infância foi confrontada com perdas irreparáveis. As casas que eram refúgios de histórias e brincadeiras viraram montes de destroços. Brinquedos e objetos emergem da lama cobertos de uma tristeza palpável. Espaços de brincar e de aprender desapareceram na inundação levando o ambiente que moldava o crescimento e a imaginação das crianças. Cada objeto perdido é parte da identidade destas crianças, agora dispersa nas águas que invadiram suas vidas. Mesmo na devastação, as memórias resistem e mantêm viva a esperança de reconstruir as casas e os sonhos perdidos.

Carolina
Alberton Leipnitz

Fotógrafa, vive em Lajeado.
www.flickr.com/photos/caroleipnitz



Município de Lajeado, Vale do Taquari



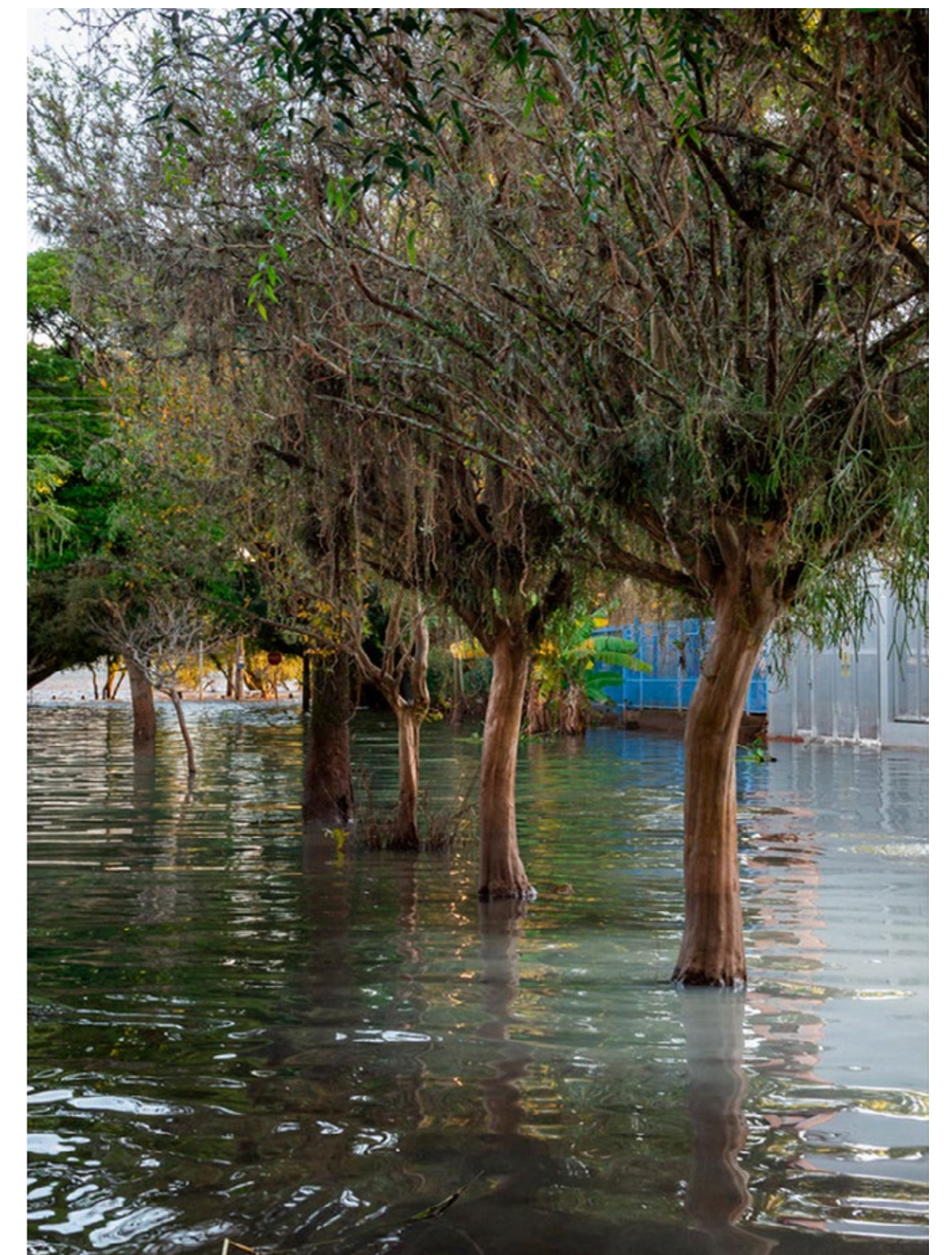
*Município de Lajeado,
Vale do Taquari*

Porto Alegre 2024

Desde maio tenho usado a fotografia para assimilar a enchente de Porto Alegre. Dezesseis anos atrás, eu voltei pra cá, que é minha cidade, por causa de outra enchente. Eu morava em Itajaí (Santa Catarina). Em 2008, acordei num dia de chuva com o morro deslizando sobre a minha casa. Perdi quase tudo que tinha, vi cenas assustadoras e passei muitos anos com medo da chuva. Ainda não sei dizer muito sobre as fotos que estou fazendo, só que elas têm sido a forma que encontrei de passar por esta enchente.

Carolina Silveira

Fotógrafa desde 2018, estudou Oceanografia (UNIVALI), Realização Audiovisual (CRAV-UNISINOS) e Fotografia (UNISINOS). Vive em Porto Alegre, onde trabalha com fotografia de eventos, espetáculos e documentarismo.
www.carolinasilveira.com.br



Bairro Ipanema, Porto Alegre, 25 de maio de 2024



Entulho. Rua Voluntários da Pátria, região central de Porto Alegre, 3 de junho de 2024

Novos Caminhos (para o Planeta)

A série apresenta o colapso provocado pela enchente de maio de 2024 da ponte sobre o rio Taquari, principal ligação entre os municípios de Lajeado e Arroio do Meio. A interrupção da ponte dificultou a vida da população e mostrou a importância da conexão entre as pessoas. A reconstrução precisará de tempo assim como muitas casas arrastadas pela correnteza. A vida no vale do Taquari precisará de tempo para voltar ao normal.

Cláudio
Zagonel Neto

Fotógrafo e professor. Pós-Graduado em Poéticas Visuais. Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil, e publicou quatro livros sobre natureza. Vive em Lajeado.



Novos Caminhos (para o Planeta)



Novos Caminhos (para o Planeta)

Incrédulos

Contrariando a ideia de que demoraria muito tempo para haver uma nova inundação como a de 1941, assistimos incrédulos à subida das águas em 2024. A enchente parecia infinita. A retomada do trabalho com fotografia analógica em preto e branco coincidiu com esta enchente. As imagens da série foram captadas, em Porto Alegre, em filme fotográfico (KODAK TRI-X 400), vencido em 2008.

Cristiano Kunze

Arquiteto, fotografa desde os 15 anos.

www.instagram.com/cristiano_kunze_foto_analogica



Casa de Cultura Mário Quintana, região central de Porto Alegre



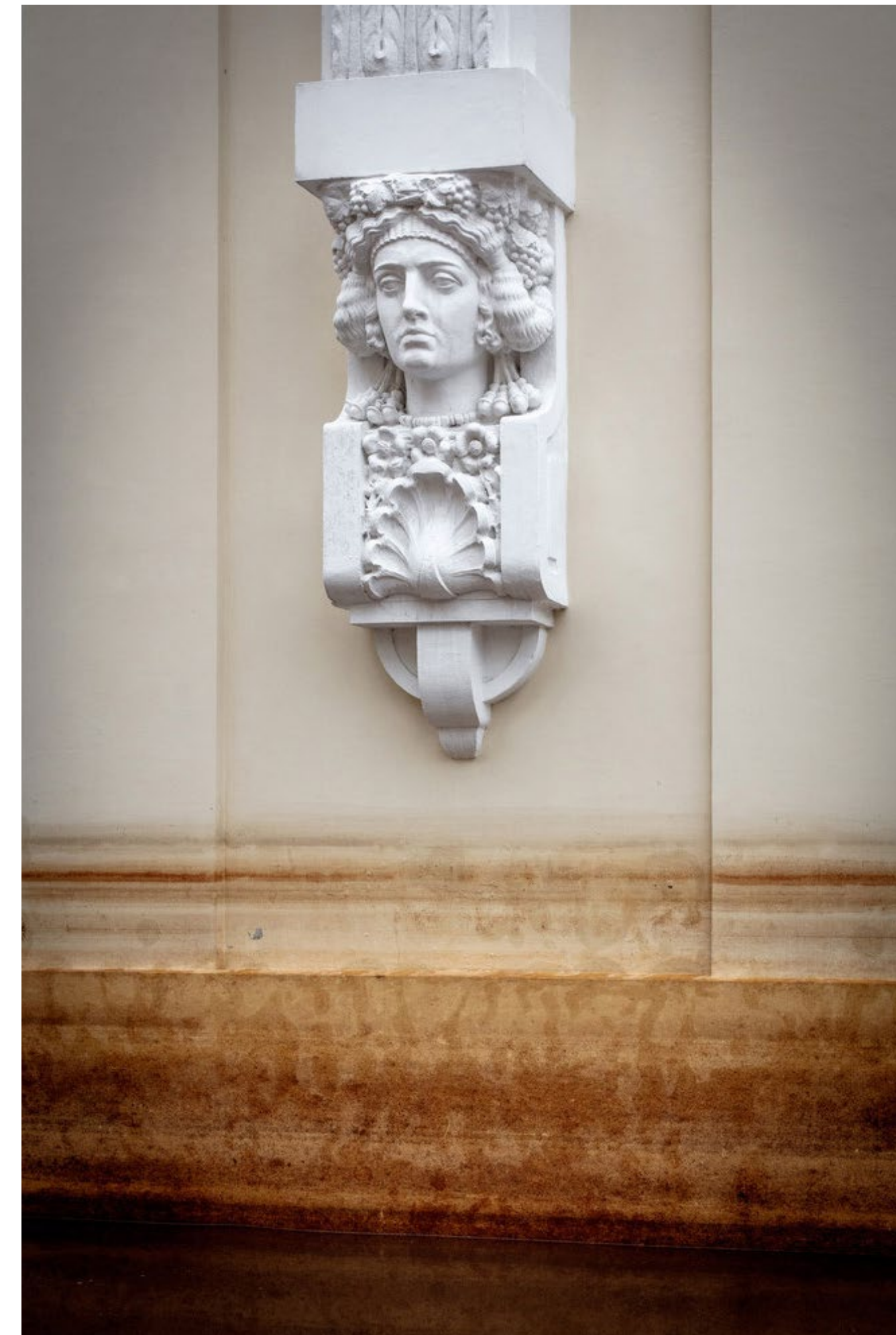
*Rua 7 de Setembro,
região central de Porto Alegre*

Linha D'Água

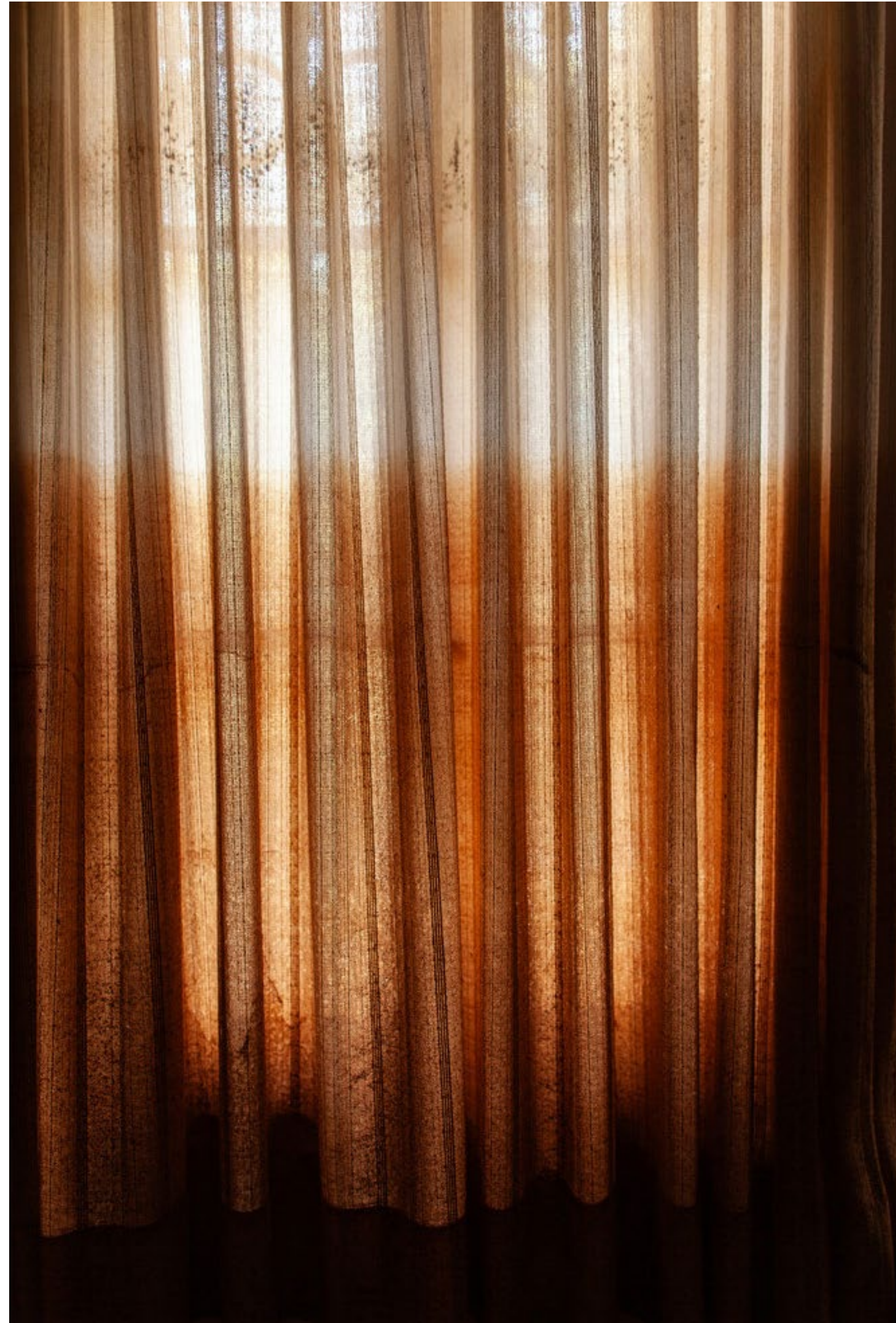
Enchente histórica no Estado do Rio Grande do Sul. Maio 2024.

Eduardo Aigner

Estudou arquitetura e já fotografou de tudo. Segue transitando nos dois mundos. Realizou exposições individuais e coletivas. Vive em Porto Alegre. eduardoaigner.com.br



Linha D'Água



Linha D'Água



Linha D'Água

Laranjal

O Balneário Laranjal fica às margens da Lagoa dos Patos e foi um dos locais mais afetados pelas enchentes na cidade de Pelotas. Após deixar minha casa pelo risco de inundação, tentei sanar a sensação de impotência, fotografando. A ausência e o silêncio aterrorizante das ruas metaforizam a impermanência e a incerteza daqueles que perderam tudo, ou parte de seus bens, nesta que é a maior inundação da história do município.

Felipe Campal

Natural dos Campos Neutrais. Nascido em 1984, convive com fotógrafos desde a infância. Mestre em Artes Visuais pela UFPel, estudou Criatividade e estratégias na fotografia contemporânea na EFTI, curso criado e ministrado pelo artista espanhol Javier Vallhonrat.

felipecampal.myportfolio.com



Balneário Laranjal



Balneário Laranjal

Inundação

Nunca pensei que as margens do Rio Guaíba pudessem chegar às portas da minha casa. Fui em busca dos rastros deixados pelo movimento intenso e extraordinário das águas que, ao retornar, deixaram marcas semelhantes às das eras geológicas por toda cidade de Porto Alegre. Documentar a enchente de 2024 foi desolador. Encontrei a força que precisava na crença de que meu ato de fotografar pudesse me inserir em um movimento solidário de cura e reconstrução.

Fernanda Chemale

Fotógrafa e artista visual. Publicou três livros. Participa de coleções e exposições no Brasil e exterior. A produção é marcada por uma investigação do cotidiano, da memória e da fronteira entre realidade e ficção. Recebeu o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas 2024.

nandachemale@cpovo.net





Inundação

Desamparados Climáticos

A série retrata o bairro de Passo de Estrela, no município de Cruzeiro do Sul (vale do Taquari). A cidade foi uma das mais afetadas pelas chuvas de maio, com 5,7 mil pessoas desabrigadas e 300 famílias em abrigos. Foram mais de mil residências destruídas na cidade, sendo que 650 moradias foram varridas no Passo de Estrela, localidade que pode ser considerada o epicentro da tragédia. O abandono, a incredulidade e a dúvida sobre a reconstrução se misturavam em meio aos escombros do que foi um bom bairro para morar. No momento da realização do trabalho, a cidade ainda precisava de voluntários e alimentos.

Gabriel Lain

Fotojornalista desde 2012. Trabalhou em redações de Caxias do Sul e colaborou para jornais e sites estaduais e nacionais. Foi assessor de imprensa e repórter de rádio. Foi professor voluntário de fotografia para adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Pós-graduado em Ciência Política.

gabriellain.com.br



Desamparados Climáticos



Desamparados Climáticos

Submersos

Quase todo o estado do Rio Grande do Sul foi afetado. Em Porto Alegre, em maio de 2024, o nível da água do Guaíba superou a marca histórica da enchente de 1941. O enfraquecimento das políticas ambientais e a negligência e omissão dos governos diante das políticas de prevenção das alterações climáticas resulta em que enfrentamos uma tragédia ambiental. Para reverter a crise, é necessário mudar as formas de produção para sermos capazes de construir um futuro comum.

Isabelle Rieger

Fotojornalista no Sul21, veículo da mídia independente do Rio Grande do Sul. Vive em Porto Alegre.

isabellerieger.com.br



Grupo de moradores do Centro Histórico de Porto Alegre protesta contra falta de energia elétrica, maio de 2024



*Morador das imediações da
Arena do Grêmio, Porto Alegre*

500 mm

Diante das cenas trágicas das enchentes de maio de 2024, busquei registrar a dor do Outro através de fotografias de forma que fugisse da espetacularização e provocasse uma sensibilização aos olhos. A opção em usar um filme fotográfico redscale foi intuitiva: por produzir imagens em tons avermelhados, as fotografias poderiam sugerir uma experiência estética diferenciada. Adicionar uma camada de cor vermelha ao conteúdo já sensível dessa tragédia poderia retirar as fotografias de um circuito comum e transformar a narrativa em um discurso dotado de sentido capaz de provocar um debate crítico sobre a crise climática.

Karina Koch

Mestra e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais e graduada em Fotografia (Feevale). Integra o grupo de pesquisa Território Nômade.

karina.koch@gmail.com | @karinak9186



500 mm



500 mm

Marca d'água

A série é uma tentativa de entender a dimensão dessa tragédia e os níveis absurdos de onde a água chegou. Utilizei meu corpo como parâmetro, percorrendo vários bairros da cidade em busca das marcas de lama que ficaram nas paredes, como prova incontestável da invasão das águas e sua destruição. A expressão marca d'água refere-se a uma imagem visualmente imperceptível, uma assinatura, um selo embutido em documentos para dificultar a falsificação de informações, atestar a autenticidade. Registro as marcas que acompanharão para sempre quem viveu e presenciou essa tragédia. Mesmo após a limpeza das cidades e com a retomada da vida, elas seguirão marcantes, profundas e definitivas no imaginário.

Leandro Selister

Bacharel em fotografia, artista visual com projetos de intervenção urbana, desenho, fotografia e bordado como o projeto Leve a Minha Cidade que visa valorizar o patrimônio e a cultura das cidades. Participou de exposições nacionais e internacionais, com várias premiações. Tem três livros publicados.

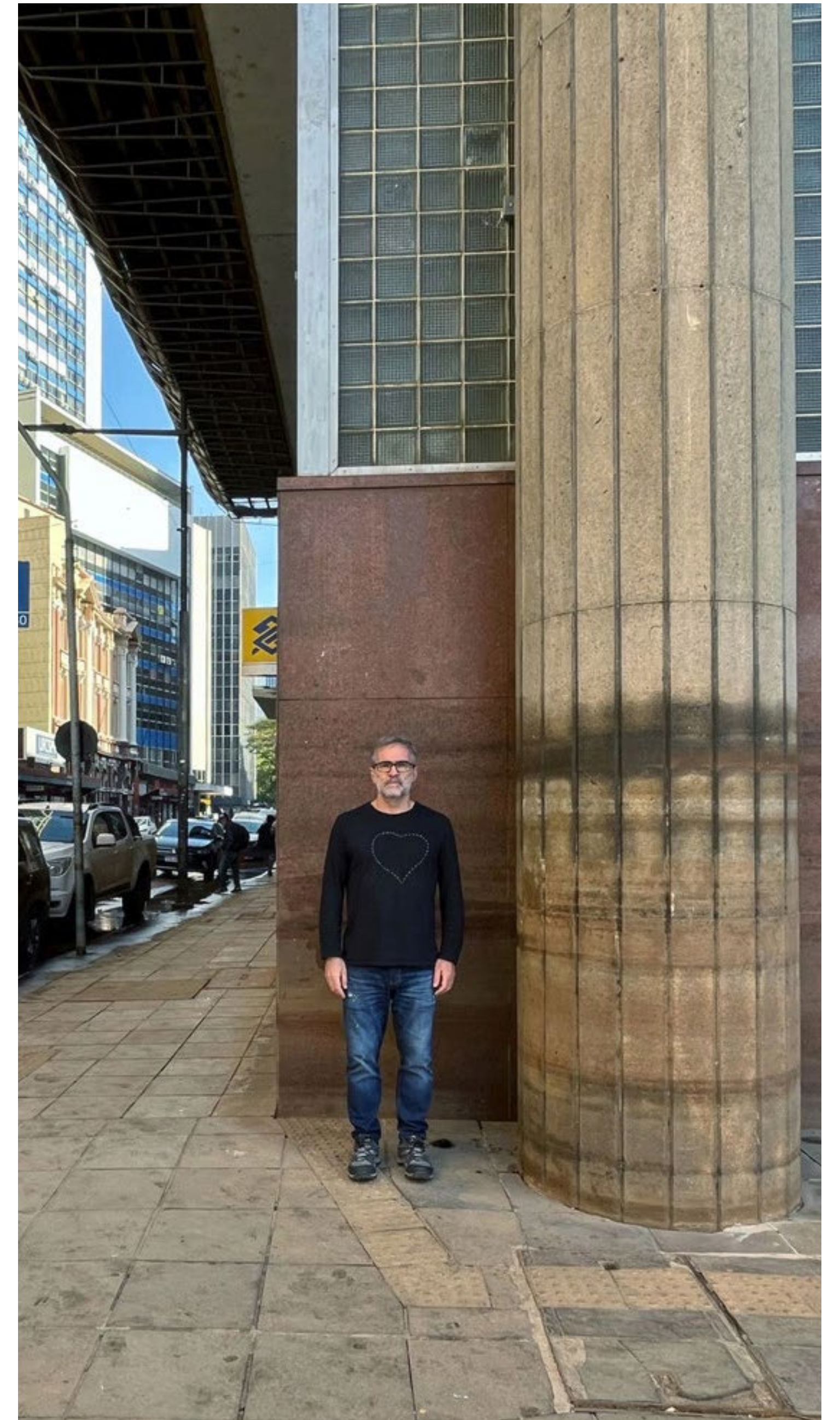
www.leandroselister.art.br



Av. Sepúlveda, Centro Histórico de Porto Alegre



Bairro Floresta, Porto Alegre



Rua Uruguai, Centro Histórico, Porto Alegre

Margem de Lama

Na enchente de maio de 2024, uma das áreas mais atingidas pelas águas que avançaram sobre Porto Alegre são aquelas onde houve aterramentos como os bairros Centro Histórico, Cidade Baixa e Menino Deus. Este ensaio é um breve inventário visual que documentou as marcas de água lamacenta nas edificações icônicas e residenciais dessas regiões centrais da capital gaúcha logo após a drenagem das águas, quando o Guaíba recuou e voltou para sua margem normal.

Marina
Chiapinotto

Jornalista, fotógrafa e artista visual. Freelancer e professora universitária de Fotografia. Coordenadora dos cursos de fotografia na UNISINOS (2018 a 2023). Doutoranda em Artes Visuais (UFRGS).

@marina.chiapinotto | marina.chiapinotto@gmail.com



Margem de Lama



Margem de Lama

Vidas Submersas

Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil. A crise climática emerge! Ruas se transformaram em hidrovias e cidades foram engolidas pelas águas. Sonhos, memórias e os esforços de uma vida inteira ficaram submersos.

Duda Fortes

Fotojornalista. Aos 23 anos, já trabalhou no jornal Correio do Povo e atualmente faz parte da equipe do Grupo RBS.

@dudaa_fortes | mariaeduardafortes002@gmail.com



Caminhões do exército fazem resgate de moradores em Eldorado do Sul, 6 de maio de 2024.



*Resgate de moradores
do Bairro Mathias Velho,
Canoas, 4 de maio de 2024*

Cidades Submersas

A enchente sem precedentes levou parte das memórias e da identidade que muita gente tinha com o seu lugar. Restaram margens irreconhecíveis e sobreviventes em ruínas por ter de abandonar a construção de uma vida inteira para tentar recomeçar em um novo local. Condições climáticas extremas destruíram vidas e meios de subsistência. A exploração inconsequente de recursos naturais, associada ao afrouxamento de políticas ambientais e à negligência de governantes diante de alertas de cientistas e ambientalistas, culminaram numa emergência climática devastadora para o Rio Grande do Sul.

Mateus Bruxel

Fotógrafo e jornalista. Vive em Porto Alegre. Trabalha para o jornal Zero Hora e desenvolve projetos de fotografia e vídeo. Já recebeu diversos prêmios e teve fotografias exibidas em mostras no Brasil, Uruguai, México, Nova Iorque e Londres.

@mateus_bruxel | mateusbruxel.46graus.com



Peixes mortos sobre a calçada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, maio de 2024



*Resgate de moradores
de Canoas, realizado pela
FAB, maio de 2024*

Versos Emersos

Visitei uma das cidades mais atingidas pelas chuvas no Rio Grande do Sul e busquei no espaço vazio uma poesia quase sinistra ecoando as vidas que um dia ali viveram. Suas sombras, seus ângulos e o surrealismo de algumas cenas contam em seus versos as memórias que acompanharam as águas e a devastação. As imagens foram captadas no Bairro Vila da Paz, em Eldorado do Sul.

Rafael Beck

Artista visual e fotógrafo baseado em São Paulo e Nova York.
www.2beck.com



Vila da Paz, Eldorado do Sul, maio de 2024



*Vila da Paz, Eldorado do Sul,
maio de 2024*

Acúmulos e descasos

Cobertura jornalística realizada entre os meses de maio e junho nas regiões afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul, sul do Brasil.

Renan Mattos

Jornalista. Repórter fotográfico no Jornal Zero Hora. Vive em Porto Alegre.
renanmattos.46graus.com



Pavor - desembarque de famílias resgatadas na orla do rio Guaíba



*Deriva - Centro Histórico
de Porto Alegre*

Reflexos da Enchente

Na enchente de 2024, as ruas de Porto Alegre foram tomadas pela água. Cada imagem capturada contava uma história: a destruição provocada pela enchente, a luta pela sobrevivência, mas também a esperança e a ajuda mútua que surgiam em meio ao caos. Ao mostrar as consequências e a resposta da comunidade, as fotografias não apenas informaram o público, mas também ajudaram a mobilizar recursos e atenção para as áreas mais afetadas.

Vivian Mayer

Bacharel em Direito, com formação em Design de interiores e fotografia, cursando Psicologia. No trabalho fotográfico, dedica-se à flânerie das cidades, potencializando sua experiência como viajante. Participa de mostras e concursos fotográficos no Brasil e exterior.

@vmayer_



Cais de Porto Alegre

FestFoto 2024 na Fundação Iberê

Como nas edições anteriores, a mostra do FestFoto na Fundação Iberê foi bem aproveitada pelo público. Com atividades educativas, visitas guiadas e contato com artistas, os visitantes puderam tomar contato com as obras da mostra Fotograma Livre e com a exibição A Enchente, uma seleção de trabalhos sobre o evento climático extremo que ocorreu no Rio Grande do Sul, em 2024.





Autores e autoras presentes à inauguração

A tarde de 17 de agosto reuniu artistas que integram a exposição. A restrição no acesso aéreo à cidade dificultou a participação, mas não impediu a visita da catarinense Ana Sabiá. O grupo reuniu profissionais experientes e a nova geração do fotojornalismo gaúcho. O encontro foi uma oportunidade de encontro, marcado pelo intercâmbio sobre as experiências pessoais e profissionais afetadas pela grande enchente de maio.

No sábado de inauguração, a mostra recebeu os participantes do FestFoto Descentralizado. O grupo fez uma visita guiada e conheceu de perto os artistas e a dinâmica de uma instituição cultural e de um evento de fotografia. O Descentralizado é financiado pela Funarte (eventos calendarizados) e foi realizado entre junho e agosto com jovens dos bairros Morro da Cruz e Vila Bom Jesus. As oficinas de fotografia produziram uma exposição em espaços públicos e um slam inédito com texto e imagem.



Equipe e participantes do FestFoto

FestFoto 2024
O futuro é agora

Coordenação
Carlos Carvalho

Produção Executiva e Curadoria
Sinara Sandri

Tratamento de imagens
Laboratório de Impressão Digital

Projeto expográfico
Vanessa Renck

Projeto Visual
Carol Heinen

Assessoria de Imprensa | Redes Sociais
Nicoli Silveira

Impressões
Mercado da Imagem

Montagem
Altair Kunzler

Parcerias institucionais
Centro de Fotografia de Montevideo
LensCulture
Museu da Fotografia de Fortaleza
Ricardo Fernandes Galeria

Foto da Capa
Angela Plass

O FestFoto 2024 é realizado através da Lei Federal de incentivo a Cultura - Lei Rouanet, com patrocínio do Itaú, realização da Fundação Iberê, FestFoto e Governo Federal



Patrocínio



Apoio



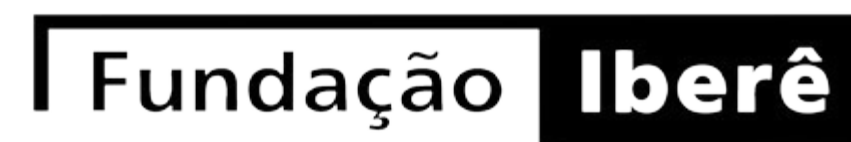
lensculture



Produção



Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

